

---

REVISTA **CONFLUÊNCIAS**  
**CULTURAIS**

---

v. 7, número especial: 10 anos do Mestrado em  
Patrimônio Cultural e Sociedade – ISSN 2316-395X

# Qual o valor do ser humano? Sobre a idolatria do dinheiro na sociedade<sup>1</sup>

## How much does the human being value? About the idolatry of the money in society

## Cual es el valor del ser humano? Sobre la idolatría del dinero en la sociedad

---

**Andrea Nickel-Schwäbisch<sup>2</sup>**  
**Euler Renato Westphal<sup>3</sup>**

---

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado de pesquisas no contexto da parceria entre a Evangelische Hochschule Nürnberg (EVHN) (*Lutheran University of Applied Sciences Nuremberg*), na Alemanha, e a Universidade da Região de Joinville (Univille).

<sup>2</sup> Formada em Teologia e Filosofia nas Universidades de Tübingen e Edinburgh. Defendeu sua tese doutoral intitulada “Onde está Deus? Uma discussão teológica com o conceito de Deus na teoria geral dos sistemas de Niklas Luhmann”. É professora na *Lutheran University of Applied Sciences Nuremberg, Alemanha*, e atua no projeto de pesquisa “In go(l)d we trust. A dimensão religiosa do dinheiro”.

<sup>3</sup> Doutor em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo (RS). Professor do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille, em Joinville (SC). Professor de Teologia Sistemática na Faculdade Luterana de Teologia, em São Bento do Sul (SC). Possui publicações nas áreas de teologia, cultura, ética e bioética.

**Resumo:** O uso do dinheiro faz parte das relações humanas como instrumento para garantir direitos para a preservação da vida de cada pessoa. A economia vive das trocas de produção e do dinheiro. Assim, o ser humano tem suas necessidades atendidas pela circulação de dinheiro e pelo compartilhamento da produção de bens. O mercado que se coloca como um *deus*, para atender as suas próprias necessidades, transforma o ser humano em mercadoria. Esse “capital humano” mercantiliza as relações sociais, criando seres humanos úteis e inúteis para o mercado. O lucro e o dinheiro são transformados em ídolos impiedosos. Martinho Lutero e Karl Marx, como intérprete do Reformador, apontavam para a natureza idólatra do dinheiro. Tudo é transformado em valor econômico, desde o valor que se atribui à pessoa como sujeito, nas relações sociais, no Estado, na política, até o existente nas eleições, nas amizades, nas relações familiares e no sistema de saúde pública. A ganância, enquanto virtude individual em uma economia marcada pelo dinheiro, corrói as relações pessoais e institucionais. A dignidade humana é um valor que não pode ser reduzido ao valor monetário. O dinheiro precisa estar a serviço do ser humano. A pessoa não é mercadoria, mas sua dignidade deve ser fortalecida pelas trocas justas das dinâmicas econômicas.

**Palavras-chave:** dignidade humana; patrimônio cultural; sagrado; secularização.

**Abstract:** The use of the money is part of the human relationships as a tool to guarantee rights to the preservation of every person life. The economy lives of the production exchanges and the money. Therefore, the human being has its demands met by the money circulation and the sharing of goods production. The market, that sees itself alike a god, to require its own needs, transform the human into a commodity. This “human capital” commercialize the social relationships, setting human beings considered useful and useless to the market. The profit and the money have become merciless idols. Martin Luther and Karl Marx, as the reformer’s interpreter, pointed to the idolatrous nature of the money. All things are transformed in economic value, from the value that is attributed to the person as a subject, in the social relationships, in the state, in the politics, to the elections, in the friendships and in the public health system. The greed, as an individual virtue in an economy moved by the money, corrode personal and institutional relationships. The human dignity is a value that cannot be reduced to monetary value. The money needs to be on duty of the human being. The person is not a commodity, but his/her dignity needs to be strengthened by the fair trading of the economic dynamics.

**Keywords:** human dignity; culture heritage; sacred; secularization.

**Resumen:** El uso del dinero es parte de las relaciones humanas como una herramienta para garantizar los derechos para la preservación de la vida de las personas. La economía vive del cambio de producción y de dinero. Así, el ser humano tiene sus necesidades satisfechas por la circulación del dinero y por el intercambio de bienes de producción. El mercado, que es como un dios, para atender sus propias necesidades, hace del ser humano una mercancía. Ese recurso humano mercantiliza las relaciones sociales, creando seres humanos valiosos e inútiles para el mercado. El lucro y el dinero son convertidos en ídolos implacables. Martin Luther y Karl Marx, como intérprete del reformador, apuntaban para la naturaleza idólatra del dinero. Todo es cambiado en valor económico, desde el valor atribuido a la persona como sujeto, en las relaciones sociales, en el Estado, en la política, hasta en las elecciones, en las amistades, en las relaciones familiares y en el sistema de salud pública. La codicia, como una virtud individual en una economía caracterizada por el dinero, corroe las relaciones personales e institucionales. La dignidad humana es un valor que no se puede reducir

a valor monetario. El dinero necesita estar al servicio del ser humano. La persona no es un producto, pero su dignidad debe ser reforzada por un comercio justo de las dinámicas económicas.

**Palabras clave:** dignidad humana; patrimonio cultural; sagrado; secularización.

## INTRODUÇÃO

A modernidade opera com as leis do progresso, da funcionalidade do Estado, da ciência, da técnica e da economia. Ou seja, a modernidade reduziu a realidade às dinâmicas da vida imanente, rompendo com qualquer ideia de sagrado no sentido religioso cristão. As referências ao transcendente são eliminadas, a mensurabilidade do presente é o que importa e a previsibilidade do futuro pode ser calculada. Assim, a modernidade cria uma nova escatologia, como fé no progresso. A mensurabilidade do lucro e do dinheiro torna-se um fim em si mesmo. Esse deus dinheiro se transformará em medida de todas as coisas. A fé nesse deus e o progresso material, como esperança messiânica, dissolveram os fundamentos da ideia de dignidade humana, transformando o ser humano em uma mercadoria.

A questão a ser analisada não está focada na relação entre religião e modernidade, religião e mercado, mas a tese central deste artigo é que o mercado se transformou em um deus e em uma religião com seus messianismos e sua escatologia. O sagrado do âmbito da tradição cristã é transferido para o mercado e, assim, o dinheiro passa a ser considerado sagrado. Na crítica de Lutero contra o lucro desonesto e a usura, ele diz: “pois aquilo em que uma pessoa se fia e confia, isso é seu deus” (LUTERO, 1995, p. 384). Desse modo, o dinheiro, que é dádiva e instrumento de afirmação da dignidade humana, também pode ser um deus tirânico, que escraviza e oprime.

## O SER HUMANO COMO MERCADORIA

Stefan Zweig escreveu um livro intitulado *Brasil: o país do futuro*. Nessa obra, ele narrou sobre a visão que se tinha das pessoas escravas, da seguinte forma:

O comércio de escravos é visto<sup>4</sup>, há muito tempo no Brasil, não como o negócio mais nobre, mas é o negócio mais lucrativo. Financiado por Londres ou Lisboa, esse mercado proporciona, ao negociante como ao vendedor, lucro certo, graças à demanda cada vez mais crescente. No primeiro momento o escravo negro, que em média é negociado por 50 a 3000 Mil Réis, nos mercados da Bahia, que é proporcionalmente mais caro que o escravo nascido no Brasil; orçado em apenas no valor de 4- 70 Mil Réis. Contudo, no preço final de um negro forte do Senegal ou da Guiné é necessário considerar o frete, o prejuízo dos produtos jogados no mar durante a viagem, o lucro exagerado do caçador de escravos, do negociante de escravos, dos capitães dos navios... Um negro forte trabalha quando ele é açoitado com rigor, 12 horas, sem receber salário pelo seu trabalho. Além disso, o investimento não proporciona nenhum lastro de capital, nem perspectivas de ganho de juros, pois o escravo negro aumenta, em seu tempo de descanso, os lucros por meio dos filhos, que ele gerou, e que se

<sup>4</sup> Os verbos estão no presente no original alemão. A primeira edição da obra de Zweig é de 1941.

tornam escravos sem custo para o patrão e que passam a ser propriedade de seu senhor<sup>5</sup> (ZWEIG, 2013, p. 87).

O escravagismo, como instituição, considerou o ser humano, ao longo de séculos, como mercadoria, reduzido ao seu valor econômico. O ser humano tornou-se coisa, ou seja, capital humano. Assim, ao descontar os custos – por exemplo, o produto estragado, que precisa ser jogado ao mar –, contabiliza-se o lucro que “a mercadoria ser humano” trouxe aos cofres. “Tudo tem o seu valor”. Também o ser humano? Para Immanuel Kant, era fundamental, na sua concepção ética, que o ser humano não fosse reduzido à categoria “preço” ou valor. Assim, ele escreve na fundamentação à metafísica dos costumes: “Quando algo tem um preço, em seu lugar é possível colocar algo como seu equivalente; quando alguma coisa está acima de qualquer preço, então, isso tem sua dignidade<sup>6</sup>” (KANT, 2004, p. 189).

Talvez seja possível a força de trabalho de uma pessoa ser substituída. O ser humano será considerado capital humano. No entanto, segundo Kant, o ser humano não é absorvido pela sua capacidade de trabalho. O ser humano é mais do que aquilo que ele produz. Para Kant, o ser humano é um fim em si mesmo, que não pode ser submetido a objetivos diferentes do que a ele mesmo. Isso diferencia as pessoas claramente das coisas.

A existência dos seres não está fundamentada na nossa vontade, mas na natureza, contudo, seres irracionais, tem apenas um valor relativo, como meio, e são denominados coisas, ao contrário, seres racionais são denominados de pessoas, porque sua natureza as fez como um fim em si mesmo, isso significa, como algo, que não pode ser usado puramente como um meio, e isso limita toda a arbitrariedade, pois é um ser que deve ser respeitado e considerado<sup>7</sup> (KANT, 2004, p. 53).

Ao contrário da afirmação de Kant, ao longo da história pessoas foram valorizadas ou não sob a perspectiva do seu valor monetário (DORNER, 1936, p. 193).

Fica muito claro que a dignidade da pessoa, conforme formulada por Kant, foi um grande ato de humanização. O ser humano nunca deve ser somente um meio. Ele é um fim em si mesmo, no sentido de que é autônomo, pode fazer leis para si mesmo e, assim, procura a autorrealização. Como tal, não há equivalente que possa ser expressado por um

<sup>5</sup> *“Der Sklavenhandel gilt lange Zeit in Brasilien als das zwar nicht angesehenste, aber ergiebigste Geschäft; finanziert von London oder Lissabon, liefert er dem Verfrachter wie dem Verkäufer sicheren Gewinn dank des immer steigenden Bedarfs. Zunächst scheint der Negersklave, der im Durchschnitt mit fünfzig bis dreihundert Milreis auf dem Sklavenmarkt in Bahia gehandelt wird, verhältnismäßig teuer im Vergleich zum eingeborenen Sklaven, der bloß mit vier bis höchstens siebzig Milreis notiert wird. Aber bei dem Erhebungspreis eines starkknochigen Senegal- oder Guineanegers müssen die Frachtkosten, der Abschlag für die auf der Fahrt lädierte und ins Meer geworfenen Ware, der ungeheure Zwischengewinn der Sklavenjäger, der Sklavenhändler und Kapitäne eingerechnet werden. Ein kräftiger Neger arbeitet, wenn ab und zu gründlich gepeitscht, zwölf Stunden, ohne dafür eine Entlohnung zu bekommen; außerdem stellt die Investition nicht bloß eine einmalige Kapitalanlage dar, sondern auch eine zinsenbringende, denn der Negersklave vermehrt in seinen wenigen Mußestunden noch den Besitz des Herrn durch die Kinder, die er zeugt, und die selbstverständlich als neue kostenlose Sklaven in den Besitz des Herrn übergehen”* (tradução de Euler Renato Westphal).

<sup>6</sup> *“Was einen Preis hat, an dessen Stelle kann etwas anderes als Äquivalent gesetzt werden; was dagegen über allen Preis erhaben ist, das hat seine Würde”* (tradução de Euler Renato Westphal).

<sup>7</sup> *“Die Wesen, deren Dasein zwar nicht auf unserem Willen, sondern der Natur beruht, haben dennoch, wenn sie vernunftlose Wesen sind, nur einen relativen Werth, als Mittel, und heißen daher Sachen, dagegen vernünftige Wesen Personen genannt werden, weil ihre Natur sie schon als Zwecke an sich selbst, d. i. als etwas, das nicht bloß als Mittel gebraucht werden darf, auszeichnet, mithin so fern alle Willkür einschränkt (und ein Gegenstand der Achtung ist)”* (tradução de Euler Renato Westphal).

valor monetário. A atual Constituição na Alemanha, depois do trauma do regime totalitário nazista, tomou a dignidade do ser humano como um valor central, tendo em vista que a dignidade humana é afirmada no primeiro artigo dessa Constituição.

Por meio da assim chamada “cláusula de eternidade” (art. 79, parágrafo 3 GG), nada pode ser modificado nessa afirmação, porque a dignidade é atribuída ao ser humano sem haver necessidade de que alguém concorde com isso ou não. Assim mesmo, parece que o conceito “dignidade humana”, no presente, está correndo riscos. É notório que a instituição escravidão está se ampliando cada vez mais, de forma aberta ou velada. Com base nos estudos da socióloga Kevin Bales e da historiadora Suzanne Miers, observamos que ainda há escravos e escravas em nossos dias (Cf. ZEUSKE, 2015, p. 14). Segundo as autoras, são estimados entre 20-270 milhões de escravos e de escravas ao redor do mundo. Esse número abarca “reais” escravos tradicionais, como na Mauritània ou no Sudão, bem como pessoas que sofrem opressão e exploração no Brasil e na China<sup>8</sup>. Também estão contabilizados aqueles que são objeto do comércio ilegal de pessoas, escravos sexuais, escravos infantis, de forma especial nos estados do Golfo Pérsico. Também há novas formas de escravagismo, como o tráfico de órgãos humanos (ZEUSKE, 2015, p. 14). No entanto a instituição da escravidão moderna é somente o cume visível de uma tendência geral, de as pessoas serem consideradas somente por seu valor econômico.

### “ERITIS SICUT DEUS” (“SEREIS COMO DEUS”)

No seu livro *Mais humano! Contra a mercantilização do social*, o diretor administrativo da federação de instituições filantrópicas em Berlim, Ulrich Schneider (2014), descreve as consequências dos financiamentos para os trabalhos sociais. O principal meio, “dinheiro”, ou seja, o sistema de funcionamento “Economia”, passa a ter cada vez mais uma função própria, destituída de sua função social. Também nos trabalhos com fins sociais e filantrópicos, o ser humano passa a ser considerado “capital humano”.

Com a ajuda de assistentes sociais a pessoa é preparada para encontrar colocação e espaço no mercado, se possível de forma barata. O trabalho social passa a ser contabilizado economicamente, e é justificado pelo retorno social do investimento da assistência social, que é o “*social return on invest*”.

Ronald Lutz, Professor na Fach-Hochschule Erfurt, descreve o processo da seguinte forma:

Implicitamente, o conceito de um empreendimento com fins sociais será determinante. Como se construiu o conceito de força de empreendimento econômico, o cidadão é imaginado como um sujeito em um mercado anônimo, que age como em um empreendimento, e as capacidades das pessoas são mercantilizadas, pois o mercado busca renda e lucro somente<sup>9</sup> (LUTZ, 2008, p. 3-4).

Pessoas que têm problemas pessoais são recapacitadas em programas de treinamento, para serem indivíduos com capacidade de produção e que aumentem seu poder de compra e

<sup>8</sup> Isso acontece nas plantações ou nas “*Sweatshops*” (alfaiataria de trabalho escravo) da indústria da moda, em que, muitas vezes, ainda vale a regra de que “escravos nunca morrem”, porque cada escravo que morre é substituído por um novo escravo.

<sup>9</sup> “*Implizit wird das Bild eines eigennütigen, Unternehmers handlungsleitend; wie es sich in der Konstruktion des Begriffs, Arbeitskraftunternehmer niederschlägt. Der Bürger wird als Subjekt auf einem anonymen Markt gedacht, das wie ein Unternehmer agiert, seine Fähigkeiten vermarktet und somit Einnahmen und Gewinne erzielt*” (tradução de Euler Renato Westphal).

de pagamento de impostos. Assim, tornam-se competentes para administrar a sua capacidade de trabalho. Desse modo, o ser humano é aquilo que ele produz economicamente. Segundo Erich Fromm, isso tem, como consequência, o fato de que o ser humano é degradado a ser um produto e que ele será avaliado como um bem de troca. “O objetivo é que sejam funcionais sob determinadas circunstâncias”, não mais do que isso (FROMM, 1979, p. 146). Para o trabalho social, isso conduz a uma próxima imagem: a do cliente “inútil”, que não pode mais ser integrado no mundo social dos contribuintes de impostos e dos consumidores.

Ronald Lutz fala das consequências de um *trabalho social de duas classes* com dois elementos que se contradizem diametralmente e de duas classes que representam apoio e ajuda:

- Para um aconselhamento e acompanhamento profissional sob uma base socioeconômica, que proporciona desenvolvimento e apoio, e que visa a atingir o objetivo, a aplicação do plano de ajuda – é desenvolvida a autonomia do sujeito.
- A outra proposta de trabalho social busca suprir as necessidades básicas, como sopa comunitária, suprimento da alimentação, esmolas e abrigos comunitários, que estão baseados em trabalho voluntário ou são acompanhados por pessoas com menos formação, para exercerem essas atividades. Esses voluntários estão voltados para suprir as necessidades básicas, mas pouco é feito para a integração e o desenvolvimento pessoal e profissional das pessoas socialmente fragilizadas<sup>10</sup> (LUTZ, 2008, p. 9).

Esse desenvolvimento, no trabalho social, não é uma exceção; faz parte de um processo em direção à mercantilização das relações sociais. As pessoas, ao longo da história, foram gananciosas, e isso não é novo. Pensemos no mito do Rei Midas. Por meio do aumento da força do dinheiro, o ser humano recebe um novo poder. O dinheiro conferiu ao ser humano a ilusão de que ele pode criar algo novo, do nada, semelhante a Deus, ou seja, ser igual a Deus. Isso pode ser visto de forma exemplar no *Fausto II*, de Goethe, conforme demonstrado por Hans Christoph Binswanger. Ele, que foi o orientador do doutorado do ex-presidente do Banco Alemão (*Deutsche Bank*), Josef Ackermann, leu o *Fausto II* de Goethe sob a ótica de um administrador público. O autor analisou essa questão pela perspectiva de o ser humano arrogar-se ser divino. Assim, o ser humano acabou tendo o sentimento de que, por meio da alquimia, ele poderia transformar coisas sem valor e criar do nada coisas de valor, como a criação feita por Deus (Cf. BINSWANGER, 1985).

A alquimia foi incrementada na esperança de que seria possível criar novamente o universo, por meio da pedra filosofal, que seria a quinta essência. Assim, ao lado de ar, fogo, água e terra, os materiais poderiam ser levados de volta à sua origem inicial e caótica. Se esse estado inicial fosse conquistado, seria possível produzir coisas novas, entre elas o ouro. O ser humano teria superado a primeira lei da termodinâmica, ou seja, a lei da conservação da energia. Por meio de suas ações, ele não teria somente transformado coisas existentes, mas teria gerado novas realidades e coisas de valor. O ser humano teria criado do nada aquilo que existe: “*eritis sicut Deus*” (“sereis como Deus”). Mas, como sabemos, tudo isso não aconteceu como queriam os alquimistas.

<sup>10</sup> “- zum einen eine professionelle, individuelle Beratung und Betreuung auf einer sozialwirtschaftlichen Basis, die jene Förderung und Unterstützung bietet, die zur Erreichung des Ziels der Hilfe, zur adäquaten Umsetzung des Hilfsplans, notwendig sind - hier wird die Autonomie des Subjektes gefördert, - zum anderen eine Grundversorgung über Suppenküchen, Tafeln, Kleiderkammern, Almosen und kommunale Notunterkünfte, die im Wesentlichen ehrenamtlich oder auf einem eher niedrigen professionellen Niveau organisiert und angeboten wird und lediglich auf Versorgung und Linderung, kaum auf Aktivierung und Integration zielt” (tradução de Euler Renato Westphal).

No capitalismo emergente, entretanto, a busca dos alquimistas tornou-se realidade. Assim, houve um processo de transformação de objetos sem valor em algo que tem valor. Segundo Goethe, isso aconteceu no momento em que, no *Fausto II*, o imperador gastou as notas monetárias na compra de minérios sem valor. Por meio da legalização das notas bancárias, que o imperador promoveu, pressupôs-se que, por meio da aquisição delas, ter-se-ia participação na propriedade de minérios, embora os minérios não tivessem valor. Contudo nem mesmo é certo que eles existissem. Somente a fé no valor das notas fez com que estas adquirissem valor. Por meio desse processo, foi injetado muito dinheiro nas contas do imperador, e isso sem esforço do trabalho, do capital e do progresso tecnológico.

Esse progresso tecnológico e científico da modernidade está subjugado à razão instrumental como uma secularização das esperanças escatológicas e um messianismo científico que resolveria os problemas da humanidade (HABERMAS, 2002, p. 1-33). O liberalismo econômico tornou-se um evangelho de salvação, mas que, contraditoriamente, desintegrou a cristandade ocidental (cf. KIRK, 2013, p. 206-208).

## O LUCRO E O DINHEIRO COMO ÍDOLOS

Ainda fazendo menção à análise de Binswanger sobre *Fausto II*, o uso de notas sem valor fez com que os elementos de produção clássicos pudessem ser ignorados ou evitados. O aumento do capital não está mais acoplado à produção: não é mais o trabalho, enquanto produção, empenho e dedicação, que conta. Também não se busca o aumento de capital pela recusa do consumo, nem tampouco pelo aumento da produção, do estudo e da pesquisa (BINSWANGER, 1985, p. 23).

Por meio da introdução do papel-moeda, o imperador pôde, sem os fatores de produção clássica, transformar o inútil em útil e aumentar o seu valor monetário. Ele tinha liquidez em suas contas. Os sonhos onipotentes da alquimia pareciam se tornar realidade. O ser humano imaginava, por meio da fé na alquimia, tornar-se semelhante a Deus, por meio da criação a partir do nada.

Ao descrever o “apostolado econômico de Fausto” [...] Goethe tinha um exemplo em mente, que ele tirou da história. O exemplo de Fausto, como um criador de riqueza rápida, foi o escocês John Law. Em 1715, Law recebeu, do príncipe de Orleans, da França, a autorização para fundar um banco. Segundo o plano original, o papel-moeda deveria valer para os territórios estatais. Mas Law percebeu logo que essa valorização da moeda não seria suficiente para dar liquidez ao papel-moeda. Assim, em 1717, com créditos do banco, ele criou o “Comagnied” Occident, uma companhia privilegiada de comércio, para beneficiar a propriedade colonial francesa na América do Norte. A colonização da bacia do Mississipi e a fundação da cidade de New Orleans foram iniciativas dessa companhia. Ação e reação, e várias mudanças, na França, promoveram um grande impulso econômico. Nas novas colônias havia somente 500 moradores franceses, e não havia mais do que 500 indígenas morando lá. As alegadas reservas de ouro, ali existentes, eram produtos da fantasia, mas isso não perturbava os investidores, que especulavam com esse ouro fictício para aumentar o lucro do seu dinheiro. O dinheiro simplesmente fluía para o monarca francês, dinheiro que foi

produzido sem trabalho e sem produção. Não é por acaso que o regente demitiu os alquimistas, que ele tinha empregado na corte, no momento em que Law entrou em cena<sup>11</sup> (BINSWANGER, 1985, p. 51).

“*Eritis sicut deus*” – isso parecia ser possível de alcançar: a criação do que é sem valor em algo de valor. Produz-se sem esforço, contornando os elementos e fatores de produção clássicos. Esse modo de produção exerce o fascínio pelo aumento dos lucros bancários como um fim em si mesmo e que é gerado apenas por meio de transações financeiras (WAGNER, 1984, p. 33). Quando o dinheiro parece recriar o processo da criação a partir do nada, consequentemente o ser humano se faz semelhante a Deus, e o dinheiro torna-se ídolo (PAUL, 2012, p. 181-200).

## O DINHEIRO ENTRE SERVIÇO E DOMINAÇÃO

Lutero chamava atenção, em seu tempo, sobre os ídolos criados pelo ser humano a partir da riqueza. No Catecismo maior, Lutero discute a questão da riqueza no contexto do 1.º mandamento, “Não terás outros deuses”. O ponto de partida é a pergunta: “Que significa ter um Deus, ou o que é Deus?”. A resposta inicial é a seguinte: “Deus designa aquilo de que se deve esperar todo bem e em que devemos refugiar-nos em toda apertura. Portanto, ter um Deus outra coisa não é senão confiar e crer nele de coração” (LUTERO, 1993, p. 394).

Com base nisso, Lutero incentivava o leitor a descansar em Deus em meio às dificuldades e “apertos” de coisas boas, como bens materiais. Os ídolos do ser humano são construídos quando se coloca a confiança em dinheiro e bens e nada mais importa para a pessoa. Quem vive da confiança no dinheiro, segundo Lutero, “eis que tal homem também tem um deus, Mâmon de nome, isto é, dinheiro e bens, em quem põe o coração todo. Esse é o ídolo mais comum na terra” (LUTERO, 1993, p. 395). É esclarecedor observar que Lutero estava preocupado em dizer quem é Deus e que o maior adversário de Deus é o próprio ser humano, que se coloca no lugar de Deus e transforma as dádivas em ídolos. Não somente o dinheiro, mas também a erudição, a inteligência, o poder, a honra, a boa fama, relacionamentos, família, enfim, todas as boas dádivas de Deus podem ser transformadas em ídolos (cf. LUTERO, 1993, p. 395).

O dinheiro não é mau em si mesmo. A economia faz parte da criação para que a vida seja possível. O dinheiro é necessário para que a vida na sociedade seja preservada contra as ameaças da pobreza, da fome e da miséria. A economia pertence ao primeiro uso da lei, o uso civil, o uso político, que garante a vida em uma sociedade. Segundo Lutero (1993, p. 398),

<sup>11</sup> “Goethe hatte für, Fausts ökonomische Sendung’ ... ein Vorbild gehabt, das er der Geschichte entnommen hat. Das Vorbild Fausts als eines Schöpfers schnellen Reichtums ist der Schotte John Law, der 1715 in Frankreich vom Regenten Prinz von Orleans die Genehmigung zur Gründung einer Notenbank erhielt ... Nach dem ursprünglichen Plan hätte das Papiergeld durch Grund und Boden der staatlichen Ländereien gedeckt werden sollen. Aber Law begriff bald, dass eine solche ‚Deckung‘ nicht genügte, um dem Papiergeld Deckung zu schaffen. So gründete er 1717 mit Krediten der Bank die ‚Compagnie d’Occident‘ als privilegierte Handelsgesellschaft für den französischen Kolonialbesitz in Nordamerika. Die Kolonialisierung des Mississippibeckens und die Gründung der Stadt New Orleans gingen von dieser Gesellschaft aus. Handel und Wandel in Frankreich nahmen daraufhin einen großen Aufschwung ... Dass in den neuen Kolonien nur 500 Franzosen und vermutlich nicht sehr viel mehr Indianer lebten und die dort vermuteten Goldvorkommen lediglich der Phantasie entsprangen, störte die auf Hausse spekulierenden Anleger nicht. Geld floss dem Monarchen zu, Geld, das ohne Arbeit und Leistung erwirtschaftet war. Es ist daher auch nicht verwunderlich, dass der Regent die Alchemisten, die er am Hof beschäftigt hatte, in dem Moment entließ, als Law auf die Bühne trat” (tradução de Euler Renato Westphal).



As criaturas são apenas a mão, o canal e o meio através de que Deus tudo concede, assim como dá seios e leite à mãe para dá-los à criança, e dá grãos e toda espécie de frutos da terra para alimentação. Criatura nenhuma pode produzir, por si mesma, um só que seja desses bens.

A idolatria do dinheiro não é um problema moral ou econômico e nem político somente, mas é um problema teológico e espiritual. A questão fundamental é: quem é Deus? Deus ou Mâmon. Segundo o Reformador, “se tens um coração que é capaz de esperar somente coisas boas de Deus, especialmente em aflições e penúria, e que, a mais disso, sabe renunciar e abandonar tudo o que não é Deus, então tens o único e verdadeiro Deus” (LUTERO, 1993, p. 398). Para Lutero, a riqueza acumulada pelo trabalho e pela poupança deveria ser colocada à disposição das pessoas que passavam por necessidade. O serviço a Deus acontece necessariamente pelo amor prático, que apoia financeiramente o necessitado para que esse também tenha condições dignas de vida. A tradição cristã posterior a Lutero via a riqueza como inimiga da vida cristã e como séria ameaça à espiritualidade cristã. Em virtude disso, John Wesley, fundador do metodismo inglês, dizia que os bens adquiridos com o trabalho disciplinado e honesto deveriam ser doados para quem passava por necessidades materiais. A doação para o necessitado seria um antídoto contra a divinização do dinheiro (cf. HIMMELFARB, 2011, p. 151-188).

## A UNIVERSALIZAÇÃO DE UM ÍDOLO

O dinheiro ainda tem outra função além de ser “deus”: ele é um meio sem qualidade, tudo pode ser transformado em dinheiro. Assim, parece que o dinheiro não é somente onipotente, mas também onipresente. Segundo George Simmel (1989, p. 319), somente o dinheiro assume a posição de ser um meio absoluto. Por meio do dinheiro se acha um ponto unificador de inúmeras finalidades contraditórias. O dinheiro constrói formas psicológicas de relações substantivas e passa a corresponder à imagem de um deus. Além disso, ele passa a ser uma grandeza pessoal. Ao dinheiro e ao mercado são atribuídas características humanas e religiosas. O mercado está nervoso, e o banco central tenta acalmá-lo. Além disso, o mercado está neurótico. O mercado acordou tranquilo. O aspecto religioso do mercado pode ser observado nas linguagens que conferem sentimentos e comportamentos de uma comunidade religiosa ao mercado. Desse modo, o mercado tem dúvidas, tem expectativas e crê na recuperação da economia. Assim, ele se apropria das teias de significados simbólicas que dão sentido à vida do ser humano. Também a religião passa a ser mercadoria, e o ser humano é coisificado. O dinheiro é transformado em deus, e o ser humano passa a ser objeto (cf. WESTPHAL, 2006, p. 85-96). O imaginário sobre Deus tem um sentido profundo “multiforme e contraditório”, mas por meio do dinheiro, como um deus, consegue-se criar o elemento de convergência em uma sociedade em torno da qual ele se organiza. Simmel (1989, p. 305) comenta a ideia de Nicolau de Cusa dizendo que as sensibilidades, que são evocadas pelo dinheiro, nos vários âmbitos da vida humana, têm uma semelhança psicológica com esse valor religioso. Enquanto o dinheiro se torna sempre mais expressão absoluta e equivalente de todos os valores, ele se eleva abstratamente sobre todos os multiformes objetos e se tornará aquele centro no qual as mais contraditórias, estranhas, distantes coisas acham a sua semelhança e se tangem.

Com base nisso entendemos que o dinheiro se torna uma mediação universal, pois ele é a quintessência de tudo e é transferível para todas as realidades. Destituído de valores, ele se transforma em uma pluralidade de qualidades, segundo a imagem do valor de mercado. Ele é tudo em tudo, porque potencialmente se transforma em um valor moral em qualquer momento. O jovem Marx expressou:

O dinheiro humilha todos os deuses das pessoas – e transforma as pessoas em mercadorias. O dinheiro em geral é constituído em si de valor sobre todas as coisas. O dinheiro é aquilo que aliena o ser humano do seu trabalho e da sua existência, e a vida estranha, alienada, o domina e ele adora essa coisa estranha<sup>12</sup> (MARX, 1972, p. 374-375).

Desse modo, o dinheiro, que é destituído de valor, não somente pode se transformar em todos esses atributos e qualidades, mas tira dele a sua qualidade intrínseca, ao reduzir tudo ao puro valor quantitativo. Como vimos, também o ser humano sofre, na relação com o dinheiro, essa quantificação niveladora. A sua dignidade lhe é roubada (Cf. LIEBRUCKS, 1972, p. 292). Dinheiro é, assim, um meio generalizante de comunicação, que expressa a reivindicação de dominação em uma relação de troca.

Marx retoma Lutero e intitula as suas análises com base no Reformador da seguinte forma: “Observações históricas concernentes ao problema do juro. A superioridade de Lutero sobre Proudhon na polêmica sobre o juro” (MARX, 1974, p. 324). Marx, com base em Lutero, diz que o usurário centraliza as riquezas por meio da posse do dinheiro nas mãos de algumas pessoas. Essa centralização do usurário, que é o “emprestador a juros”, é a ruína dos senhores feudais, da pequena indústria, da agricultura e de todas as atividades econômicas. Segundo Marx,

Esta usura se assenta sobre essa base, sobre esse *modo de produção*, o qual ele não altera mas adere apenas como um parasita, desgraçando-o. Suga, desenerva-o e provoca sua reprodução em condições sempre mais abjetas. Daí o ódio popular contra a usura, particularmente nas circunstâncias antigas, em que essa determinidade da produção – a propriedade que tem o produtor com relação às condições de sua produção – constitui ao mesmo tempo as bases das relações políticas e da autonomia do cidadão (1974, p. 327).

Karl Marx retoma o texto de Lutero sobre o “comércio e a usura”, de 1524. Nessa publicação, Lutero interpreta o primeiro mandamento, afirmando que Deus concedeu as dádivas da criação para o bem comum. As atividades de comprar e vender têm honra própria, pois são ações necessárias para o ser humano. Segundo ele, “porque também os patriarcas, por exemplo, venderam e compraram gado, lã, cereais, manteiga, leite e outros bens. São dádivas de Deus que ele concede da terra e reparte entre os seres humanos” (LUTERO, 1995, p. 377). O problema, tanto para Lutero como para Marx, é que o cidadão perde a sua autonomia para o usurário, que centraliza o capital para si e como um fim em si mesmo.

Nessa lógica, tudo é atribuído à quantidade: tanto o amor como um carro, uma obra de arte como um quilo de carne. Dinheiro, como coincidência na oposição, é uma grandeza idólatra universal, à medida que muitas visões culturais de mundo são apagadas. A perspectiva do dinheiro não é somente experimentada, mas também fundante. Na relação com o mundo, por meio da comunicação do dinheiro, este cria um mundo “à sua imagem”. Ao abordar a arte, Theodor Adorno exemplificou e analisou esse poder criativo do dinheiro. Apesar de a arte se definir como algo não mercantil, no mercado da arte esta passa a ser objeto de troca e de valor. Andy Warhol criticou essa mercantilização da arte, à medida que ele produziu suas obras da “Popart” em série (REISSER; WOLF, 2003, p. 136-142). A pessoa é substituída, na sociedade monetária, pela função que ela exerce.

<sup>12</sup> “Das Geld erniedrigt alle Götter des Menschen – und verwandelt sie in eine Ware. Das Geld ist der allgemeine, für sich selbst konstituierbare Wert aller Dinge. Es hat daher die ganze Welt, die Menschenwelt wie die Natur, ihres eigentümlichen Wesens beraubt. Das Geld ist das den Menschen entfremdete Wesen seiner Arbeit und seines Daseins, und dies fremde Leben beherrscht ihn, und er betet es an” (tradução de Euler Renato Westphal).

Enquanto o ser humano vivia em maior proximidade e dependência nas relações pessoais e, muitas vezes, pagava o preço da irredutibilidade pessoal, nós teremos que indenizar as pessoas pelas muitas formas de indiferença nas relações entre as pessoas, em benefício da liberdade das trocas monetárias em lugar das pessoas<sup>13</sup> (SIMMEL, 1989, p. 396).

Esse modelo econômico traz riscos significativos para a sustentabilidade ambiental. O *WEF Global Risks Report* apresenta anualmente uma avaliação dos maiores riscos e suas consequências para os próximos dez anos. Em 2014 e 2015 constataram-se variações climáticas extremas. Observa-se a falta de capacidade do modelo econômico baseado no lucro de se adaptar às necessidades impostas pelas mudanças climáticas. Decorrente disso, o dinheiro reduz todas as relações humanas e ambientais a valor monetário.

Thomas Piketty, professor na Paris School of Economics, em seu livro publicado em 2014, *Capital in the Twenty-First Century*, sustenta a ideia de que a economia não crescerá mais tão rápido nos próximos anos como no pós-guerra, que aumentou a riqueza significativamente em todos os anos depois que houve paz política e estabilidade econômica. Em outras palavras: a renda dos bens privados ( $r$ ) é maior que o crescimento da economia ( $g$ ) ( $r > g$ ). Quando os bens privados crescem mais que o crescimento econômico, isso gera uma concentração de bens. Segundo os cálculos da Oxfam, no ano de 2017 as 69 pessoas mais ricas do mundo tinham o mesmo volume de riquezas que a outra metade da população, que é a mais pobre de todo o planeta (MAIS DE 80%..., 2018). Segundo esse relatório, as 69 pessoas mais ricas do mundo possuem os bens de 1 bilhão de libras esterlinas, que correspondem aos bens de 3,5 bilhões das pessoas mais pobres. Uma divisão de riqueza desse tipo coloca o sistema capitalista em risco, pois, segundo Piketty (2014), bons salários são o pressuposto para o funcionamento do sistema econômico capitalista. Várias vezes apontam para o esgotamento dos recursos que sustentam a economia de mercado. Herman Daly, economista do Banco Mundial, diz o seguinte:

A humanidade precisa fazer a transição para uma economia sustentável – que respeite os limites físicos inerentes ao ecossistema mundial e garanta que continue funcionando no futuro. Se não fizermos essa transição, poderemos ser punidos não apenas com crescimento deseconômico, mas com uma catástrofe ecológica que reduziria sensivelmente nosso padrão de vida (DALY, 2005, p. 92).

Nesse contexto é necessário questionar: tal modelo de sociedade e de consumo pode ser sustentado no futuro próximo? Os indicadores de que os recursos naturais estão se esgotando são alarmantes. A economia e o mercado somente são possíveis se há recursos naturais suficientes. Nesse sentido, Herman Daly (2005, p. 92) alerta-nos:

Muito provavelmente os países ricos atingiram o “limite da futilidade”, ponto além do qual o crescimento não incrementa a felicidade. Isso não significa que a sociedade de consumo morreu – apenas que o aumento do consumo além do limiar de suficiência, seja ele fomentado por publicidade agressiva ou compulsão inata por compras, simplesmente não está tornando as pessoas mais felizes, em sua própria avaliação.

<sup>13</sup> “Während der Mensch der früheren Stufe die geringere Zahl seiner Abhängigkeiten mit der Enge persönlicher Beziehung, oft persönlicher Unersetzbarkeit derselben bezahlen musste, werden wir für die Vielzahl unserer Abhängigkeiten durch die Gleichgültigkeit gegen die dahinter stehenden Personen und durch die Freiheit des Wechsels mit ihnen entschädigt” (tradução de Euler Renato Westphal).

O que se observa é que a busca da felicidade por meio da aquisição de bens e da centralidade da vida no dinheiro não traz felicidade, mas aguça a inveja, a insatisfação e a ingratidão. Assim, o ser humano acha que precisa de mais dinheiro para preencher o vazio de sentido. Erich Fromm diz que, para Freud, uma pessoa que se ocupe exclusivamente em adquirir e possuir é uma pessoa neurótica, mentalmente doente; segue-se disso que uma sociedade em que a maioria de seus membros exibe o caráter anal é uma sociedade doente (FROMM, 1987, p. 93). A psicanálise aprofundou isso, dizendo que a sociedade moderna é profundamente doente por organizar-se em torno do ter. O sentido da existência está no ter e no ser visto e invejado pelos outros. Segundo Erich Fromm, para a psicanálise, o caráter anal pode ser determinante na vida adulta, à medida que o ser humano concentra suas energias na acumulação de propriedades e de bens materiais. Isso acontece em detrimento dos sentimentos, das emoções, das relações, das palavras e dos gestos, ou seja, quem vive assim é um ser humano imaturo. Para a psicanálise, segundo Fromm, a pessoa que se dedica exclusivamente para o ter bens e propriedades está psiquicamente doente. Com base nisso, segundo ele, poder-se-ia dizer que vivemos numa sociedade imatura, que é constituída pela estrutura do caráter anal (FROMM, 1981, p. 85-86). Nesse sentido, Vattimo (2002, p. 98) esclarece:

A modernidade se caracteriza como a época da *Diesseitigkeit*, do abandono da visão sagrada da existência e da afirmação de esferas de valor profanas, isto é, em suma, da secularização; (b) o ponto-chave da secularização, no plano conceitual, é a fé no progresso (ou ideologia do progresso), que se constitui mediante uma retomada da visão hebraico-cristã da história, da qual se eliminam “progressivamente todos os aspectos e referências transcendentais”.

## CONCLUSÃO

Vimos que lideranças ligadas ao mundo da economia e da política estão preocupadas com as diferenças abissais entre ricos e pobres. Contudo essa inquietação não está fundamentada no interesse pela dignidade das pessoas, de seus direitos e necessidades. Os líderes mundiais preocupam-se com as diferenças sociais porque o capitalismo estaria sob ameaça, advinda do descontentamento da população desinteressante para o sistema econômico. Uma divisão de riqueza desse tipo coloca a economia de mercado em risco, pois bons salários são o pressuposto para o funcionamento do sistema econômico. Assim se é exigida uma distribuição de riquezas mais justa; isso não é inveja social, mas uma reflexão racional, que está de acordo com o sentido do próprio capitalismo (cf. THE WORLD'S..., 2014). Além disso, o dinheiro fortaleceu-se e contribuiu para uma significativa “des-solidarização” da sociedade. Isso fica evidente nas afirmações publicadas no *blog Plum Line*, do jornal *The Washington Post*. O especulador internacional Warren Buffett, em entrevista à CNN, afirmou sobre pergunta em relação ao aumento de impostos das pessoas ricas: “Na verdade, tem havido uma luta de classes nos últimos 20 anos, e a minha classe venceu. Nós é que tivemos nossos impostos reduzidos significativamente” (cf. BUFFET..., 2011). As relações humanas que se fundamentam no dinheiro intensificam-se cada vez mais. As pessoas são consideradas, cada vez mais, mesmo que de modo camuflado, como valor monetário, o que beneficia os interesses econômicos (SIMMEL, 1984, p. 193). Dessa forma,

cria-se [...] uma barreira interior entre as pessoas. As pessoas sozinhas e individualistas moldam as formas modernas de vida. Assim, se não houvesse o distanciamento psicológico, ao se viver pressionado um contra o outro, na multidão, na colorida confusão das cidades grandes, a vida

seria simplesmente insuportável. A dependência do dinheiro, quer aberta como velada, coloca uma distância funcional e invisível entre as pessoas, o que serve de proteção interior e equilíbrio contra a proximidade sufocante e irritante de nosso estilo de vida cultural<sup>14</sup> (SIMMEL, 1989, p. 664-665).

A sociedade dependente do dinheiro é uma sociedade “fria”, porque ela substitui as relações fortes e duradouras por relações racionais de interesse. Nesse modelo de sociedade, o ser humano somente tem valor por aquilo que produz e por aquilo que ele pode consumir. Logo, quem produz pouco e consome pouco é considerado “inútil”.

Na compreensão de Lutero, bem como na de Karl Marx, o dinheiro transforma-se em ídolo, e o ser humano age destrutivamente contra si mesmo e contra a criação. O uso político da lei coloca o dinheiro para ser utilizado em benefício da dignidade, da liberdade humana e em favor do bem comum. Assim, o dinheiro é um meio para afirmar a dignidade humana. Do contrário, ele se torna uma ameaça à integridade humana, à ecologia e revela o seu lado perverso e desumano. Com esse pano de fundo teórico, o dinheiro deve ser novamente limitado ao seu âmbito econômico, pois desempenha o seu papel legítimo nas relações econômicas. Mas, como meio de construção da sociedade, ele não é adequado, porque rouba a dignidade humana e o valor do ser humano. O ser humano é mais do que o valor monetário, pois é uma pessoa, a quem é atribuída dignidade e a quem se deve afirmar e proteger o seu valor.

## REFERÊNCIAS

BINSWANGER, H. C. **Geld und Magie**. Deutung und Kritik der modernen Wirtschaft anhand von Goethes Faust. Mit einem Nachwort von Iring Fetscher. Stuttgart: Edition Weitbrecht, 1985.

BUFFETT: ricos venceram a luta de classes. **Extra-Globo**, 30 set. 2011. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/economia/buffett-ricos-venceram-luta-de-classes-2678952.html>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

DALY, H. Sustentabilidade em um mundo lotado. **Scientific American-Brasil: O Planeta no Limite** (ed. especial), São Paulo: Duetto, ano 4, n. 41, p. 92, out. 2005.

DORNER, A. **Mathematik im Dienste nationalpolitischer Erziehung**. Braunschweig: Diesterweg Verlag, 1936.

FROMM, E. **Haben oder Sein**: die seelischen Grundlagen einer neuen Gesellschaft. 9. ed. Stuttgart: DTV, 1981.

\_\_\_\_\_. **Sigmund Freuds Psychoanalyse – Größe und Grenzen**. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1979.

<sup>14</sup> “Auf diese Weise entsteht ... eine innere Schranke zwischen den Menschen, die aber allein die moderne Lebensform möglich macht. Denn das Aneinander-Gedrängtsein und das bunte Durcheinander des großstädtischen Verkehrs wären ohne jene psychologische Distanzierung einfach unerträglich. ... Die entweder offenbare oder in tausend Gestalten verkleidetet Geldhaftigkeit der Beziehungen schiebt eine unsichtbare, funktionelle Distanz zwischen die Menschen, die ein innerer Schutz und Ausgleichung gegen die allzugesdrängte Nähe und Reibung unseres Kulturlebens ist” (tradução de Euler Renato Westphal).

\_\_\_\_\_. **Ter ou ser?** 4. ed. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade.** Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HIMMELFARB, G. **Os caminhos para a modernidade.** Os iluminismos britânico, francês e americano. Tradução de Gabriel Ferreira da Silva. São Paulo: Realizações, 2011.

KANT, I. **Grundlegung zur Metaphysik der Sitten II.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.

KIRK, R. **A política da prudência.** Tradução de Gustavo Santos e Márcia Xavier de Brito. São Paulo: Realizações, 2013.

LIEBRUCKS, B. **Sprache und Bewußtseind.** Frankfurt a. Main: Akademische Verlagsgesellschaft, 1972. v. 1.

LUTERO, M. Catecismo Maior. In: LIVRO de Concórdia: as confissões da Igreja Evangélica Luterana. Tradução e notas de Arnaldo Schüler. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993.

\_\_\_\_\_. Comércio e usura. In: \_\_\_\_\_. **Ética:** fundamentos – oração – sexualidade – educação – economia. Obras Selecionadas. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. p. 376-399. v. 5. (WA 15. 293-313)

LUTZ, R. Perspektiven der Sozialen Arbeit. In: AUS POLITIK und Zeitgeschichte. Wandel der Sozialen Arbeit, Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2008. p. 3-10. v. 12-13.

MAIS DE 80% da riqueza de todo o mundo nas mãos de 1% da população. Diário de Notícias, 21 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.dn.pt/mundo/interior/mais-de-80-da-riqueza-gerada-no-mundo-em-2017-nas-maos-de-1-da-populacao---ong-9064363.html>>. Acesso em: 3 dez. 2018.

MARX, K. **MEW 1.** Berlin: Dietzverlag, 1972.

\_\_\_\_\_. O rendimento e suas fontes. A economia vulgar. In: \_\_\_\_\_. **Os Pensadores:** Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. Tradução de José Arthur Gianotti e Walter Rehfeld. São Paulo: Abril, 1974.

PAUL, A. Crisis? What Crisis? Zur Logik der Spekulation oder Warum die Hypotheken-Krise lehrt, dass die nächste Krise kommt. In: ENTFESSELTE Finanzmärkte. Soziologische Analysen des modernen Kapitalismus. Frankfurt/New York: Campus Verlag, 2012. p. 181-200.

PIKETTY, T. **Capital in the Twenty-First Century.** Tradução de Arthur Goldhammer. Cambridge; London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2014.

REISSER, U.; WOLF, N. **Kunst-Epochen:** 20. Jahrhundert II. Stuttgart: Reclam, 2003. p. 136-142. v. 12.

SCHNEIDER, U. **Mehr Mensch!** Gegen die Ökonomisierung des Sozialen. Frankfurt a. M.: Westend Verlag, 2014.

SIMMEL, G. **Das Individuum und die Freiheit.** Essais. Berlin: Wagenbach, 1984.

\_\_\_\_\_. **Philosophie des Geldes.** Frankfurt a.M.: Suhrkamp Verlag, 1989. v. 6 Gesamtausgabe.

THE WORLD'S 85 richest people have as much as poorest 3.5 billion: Oxfam warns Davos of “pernicious impact” of the widening wealth gap. **The Guardian**, 20 jan. 2014.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade:** niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

WAGNER, F. **Geld oder Gott?** Zur Geldbestimmtheit der kulturellen und religiösen Lebenswelt. Stuttgart: Ernst Klett Verlag, 1984.

WESTPHAL, E. R. **Para entender bioética.** São Leopoldo: Sinodal, 2006.

ZEUSKE, M. Globale Sklavereien. *In:* AUS POLITIK und Zeitgeschichte. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2015. p. 50-51.

ZWEIG, S. **Brasilien:** Ein Land der Zukunft. Hamburg: Severus Verlag, 2013.